

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayer e Dr Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

7.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA	
	Braga, 12 mezes.	1\$600
	» 6 »	850
	Correspondencias partic. cada linha	40
	Anuncios cada linha.	20
	Repetição	10

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$600
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 931

BRAGA

TERÇA-FEIRA 6 DE MAIO DE 1879

Correspondencia particular do
«Commercio do Minho»

Madrid 30 de abril.

O resultado das eleições foi o que se esperava, e o que não podia deixar de ser. Triunphou o governo por uma grande maioria, que, segundo se assegura, pertence mais ainda a Canovas del Castillo e a Romero o Robledo do que a Martinez Campos. Poucos amigos particulares do general conseguiram a victoria, e poucos entusiastas do gabinete anterior permaneceram na demanda, se assim posso falar. Não podia acontecer d'outro modo, continuando no poder alguns dos ministros do gabinete anterior, tendo a actual dicto que não mudaria de systema, necessitando continuar o chamado *jogo das instituições* com o baralho que seu antecessor lhe dera, etc., etc.

Já lhes disse que tinham começado as pelepas ou escaramuças entre os homens da situação anterior e os da presente. Antes das eleições, não obstante, os defensores de Canovas del Castillo fizeram o possível para não desgostar o novo sol que entrou no horizonte. Conseguindo o seu fim,—serem deputados, alguns principiam a tirar a mascara, e deixam transluzir que os d'hontem e os de hoje transformarão em breve a politica em um campo de nigromantes. Servindo-se do periodico «El Imparcial», os amigos de Canovas tem procurado persuadir que a retirada de Martinez Campos é inevitavel e naturalissima dentro d'um breve prazo.

Alguns dos diários que mais calorosamente defendem o gabinete anterior chegam a suppor o mesmo, e tal indica «El Acta», diário que appareceu na tablado da imprensa com o proposito especialissimo de impedir que Martinez Campos se sustenha muito tempo no poder.

Que succederá por consequente? Impossivel ou mui difficil é predizel-o, mormente se se considera que não conhecemos bem as condições politicas, nem as pessoas do ministro da governação. Se o snr. Silvela é um politico inexerto, como se deve suppor, attendendo aos seus poucos annos, com difficuldade poderá destruir as solapadas machinações que contra elle urdam Canovas del Castillo e Romero Robledo, conhecedores ás mil maravilhas das malas-artes proprias dos parlamentares que procuram desacreditar e ridicularisar os que lhes fazem sombra. Se manifesta qualidades extraordinarias, que não poucos lhe atribuem, poderá continuar mais tempo no poder, e desbaratar os planos dos seus adversarios alludidos, dispostos a demonstrar que Montalembert teve razão para dizer que em nossos dias se perdeu o sentimento da publica decencia. O gabinete actual tem a seu favor o poder, que permite contentar a muitos, e impedir que se desgostem os que rendiam culto fervoroso ao seu predecessor; tem tambem a circumstancia de que D. Afonso se tinha já cansado de Canovas, não sendo provavel que para logo lhe outhorgue de novo a sua graça. Tem além d'isso o facto de se manifestar continuador da propria politica liberal-conservadora ou conservadora-liberal, não podendo, por consequente, hostilisar o com decoro os politicos indicados, se procura seguir suas pisadas, com leves variantes. Tem tambem a van-

tagem de ser sympathico ao exercito pela pessoa de Martinez Campos, e ainda a muitos catholicos, porque o supõem animado d'intenções louvaveis relativamente á Egreja. Tem por ultimo as correntes geraes hoje na Europa em favor d'uma politica de resistencia que esqueça se são mister as constituições ou a legalidade estabelecida. Não se deve esquecer tambem o adiantado da estação, que permitirá suspender em breve as côrtes, sem permittir que se discutam questões que produziram decisões gravissimas no seio da maioria das côrtes e do gabinete mesmo. Considero, portanto, mui fundada a noticia de que os deputados e os senadores se limitarão por agora a discutir o discurso da corôa e um projecto de lei relativo ao enlace não remoto de D. Afonso com Maria Christina, Henriqueta Reniero, filha do archiduque austriaco Carlos Fernando. Este matrimonio é hoje mais que nunca provavel, por ter fallecido na segunda-feira ultima a infanta D. Christina. Que Deus tenha recebido o seu espirito no ceo!

Emquanto estão fechadas as côrtes, os ministros aproveitando-se dos recursos que occorram, poderão mais facilmente dispor as coisas para impedir que de novo ganhem o poder os que ainda ha pouco o deixaram.

E' difficil predizer quem substituirá Martinez Campos, se elle tiver de abandonar o poder. E' coisa muito sabida e provada que a ultima crise se pronunciou quasi exclusivamente com o fim de chamar os constitucionaes dirigidos por Sagasta. No-entanto é possivel e até provavel que este continue afastado do poder, comquanto não possa seguir o gabinete actual, por outra questão que se suscitou quanto teve de retirar-se Cano-

vas del Castillo. Retiro-me á que chamam militar.

Em virtude d'uma lei recente, defendida com tenacidade pelo ministerio caida, D. Afonso é o chefe do exercito, correspondendo-lhe porisso todas as nomeações militares, sem excluir as da menor importancia. Pois bem. Sagasta e os seus não creem poder viver sem collocar á frente das capitancias generaes pessoas de sua confiança, que participam das suas ideias e sentimentos. Como o proposito dos que formularam, defenderam e votaram a dita lei foi collocar, por assim dizer, o exercito acima de todos os partidos, não é facil resolver a especie de conflicto a que alludo. Acrescenta-se a isto a circumstancia de que alguns dos generaes amigos de Sagasta são pouco dynasticos, e veriam com indifferença ou com gosto o desenthonhamento de D. Afonso. A' sua frente figura o duque de la Torre, que, por ter sido regente do reino, e por outras circumstancias que se não podem referir, se julga mui superior a *el-niño* que occupa hoje o throno de S. Fernando por obra e graça da revolução de setembro. Vereis como, se se apresentar occasião favoravel, põe de manifesto a sua hostilidade, bem minha conhecida, ao filho d'Isabel.

Voltando ás eleições, ainda que o governo tenha obtido uma maioria extraordinaria, as opposições conseguiram a victoria d'alguns dos seus principaes adeptos. E' impossivel desconhecer que de esta vez se concedeu maior liberdade que em outras, e que não occorreram as desordens proprias do periodo eleitoral. Os radicaes, que procuram conciliar as suas ideias democraticas com o seu convencimento de que não se pôde porora prescindir da monarchia, terão nas pro-

13

FOLHETIM

O CAPITÃO ANGELO

ROMANCE ORIGINAL

POR

J. B. da Silva Ramos.

OFFERECIDO E DEDICADO A' EXC.^{ma} SNR.^a

D. Antonia Augusta T. de Vasconcellos,

DA CASA DE MARBON, EM CELORICO DE BASTO.

VI

Paulo ficou como petrificado.

—E nem ao menos—continuou Oliveira—uma palavra de perdão para mim e para Angelo.

—Eu perdoo-lhe de todo o meu coração—disse este.

—Tambem eu—disse Oliveira—porque, como tu, sou christão, e desejo que Deus me perdoe a mim.

Depois d'algum silencio, continuou:

—Pois bem, já que o teu orgulho te não deixa dobrar o joelho e te não desprende a lingua, ao menos aprende tu de mim.

E voltando-se para Angelo lhe disse:

—Fiz-te soffrir realmente muito; fiz-te vergar, innocente, sob o pezo d'uma grande calumnia! Devo-te, pois, uma reparação. Dos prejuizos materiaes que te causei, breve te indemnizarei; mas dos moraes nunca poderei. Para que o Senhor me perdoe, é preciso que eu te peça perdão.

E levantando-se, ajoelhou aos pés d'Angelo, dizendo-lhe:

—Perdoa-me todo o damno que te causei... Angelo levantou-se d'um pulo, todo humilhado, e disse:

—Snr. Oliveira, este momento é para mim mais horrivel do que tudo o que tenho soffrido até hoje!

O negociante visinho levantou-se indignado e exclamou:

—Isso é uma baixeza indigna, só propria de quem não reconhece a sua posição, quer como homem, quer como amo...

E ia a sair todo indignado, quando frei Domingos o detém, dizendo-lhe:

—Não, senhor! aquillo não é baixeza! E' um acto de justiça; é um dever imposto pela consciencia do homem que quer ser justo, para ser perdoado no ceo. Poder-lhe-ha chamar humilhado; mas esta é uma grande virtude, proclamada pelo Salvador, quando disse: *Aquelle que se humilha será elevado*.

O negociante nemeou a cabeça, mostrando por esta forma que não acreditava na doutrina do frade.

Oliveira é que não desistia, e lançando um olhar de firmeza e desgosto para Angelo, lhe disse:

—Pois bem, se me não queres perdoar, levantar-me-hei com a satisfação de ter cumprido um dever, que Deus e a minha consciencia me impõe.

—Perdoo, sim, senhor... mas não posso vê-lo n'esse estado humilhante! eu, que não sou digno de desatar-lhe as correas dos sapatos!...

Oliveira ergueu-se, e voltou a assentar-se no seu logar, cheio de dignidade e respeito.

Frei Domingos levantou então a voz e falou assim:

—Este facto, senhores, offerece-nos uma lição salutar para a conducta do homem n'esta vida: primeiro, mostra-nos o grande cuidado, que devemos ter em condemnar e julgar o proximo; pois que muitas vezes, somos enganados pelas apparencias d'um crime, tornando-nos criminosos pela injustiça que commetemos; segundo, que nunca devemos desesperar da Di-

vina Providencia, porque ella está sempre vendo cuidadosamente pela innocencia e pela virtude, e por meios, que alguns reputam aca-sos, faz a verdade patente e triumphadora da mentira.

Peço ainda se não esqueçam que o homem sinceramente christão, não se envergonha, qual-quer que seja a sua posição, se descer a pedir perdão e a perdoar facilmente: só o orgulho, esse filho querido de Satanaz, nem sabe nem quer dar perdão. Desgraçado seculo, em que se olha a humildade como uma degradação!... Maldito orgulho!...

—Paulo—disse João d'Oliveira—a minha severidade para com Angelo tornar-me-ha, d'hoje em diante, mais circumspecto e mais benigno para com os culpados. O teu crime ficará sepultado entre nós, para que te não seja cortada a carreira commercial: oxalá o arrependimento te rehabilite para entrares de novo no numero dos homens de bem. O esquecimento dos teus deveres para com Deus, fez-te olvidar os deveres para com os homens, lançando-te no resvaladouro da devassidão, que tem por termo a desgraça e a perdição: pensa devéras sobre isto, e segue o caminho que Deus e a tua consciencia te apontar.

Tu não podes continuar ao meu serviço; e acho difficil que n'esta cidade encontres uma casa commercial, porque, se me pedirem informações, eu não saberei mentir. O que acho mais rasoavel é que tu embarques para o Brazil; se fôres honrado, podes lá encontrar a tua felicidade: seguindo este conselho, conta com a minha protecção.

Paulo hesitou um pouco, mas afinal conveio em partir para a America.

Todos se retiraram satisfeitos, menos Paulo, e o visinho negociante, implacavel inimigo de Angelo, e occultamente de João d'Oliveira, ou melhor, das bellissimas qualidades de ambos.

N'este tempo já o odio ao catholicismo se tinha derramado bastante sobre a terra; contentando-se em publico, em desvirtuar as melhores acções dos que, por seu procedimento,

manifestavam amor e respeito ás tradições gloriosas de Portugal politico e religioso.

A estes desvirtuavam-se-lhe os factos para os descreditar, destruindo o respeito e a consideração, alcinhando de beatas todas as pessoas de religiosidade franca e sincera. Nas trevas minava-se o altar e o throno, com o mesmo odio e teimosia, com que hoje se faz publica e descaradamente.

Este negociante, que aspirava a homem de bem, no sentido da maçonaria, publicou logo tudo, mas de tal forma, desfigurando tanto os factos, que muita gente se persuadia que João d'Oliveira, frei Domingos e Angelo, não eram mais que vis hypocritas, e Paulo apenas um rapaz patusco e inimigo dos sotainas.

Se Oliveira se affligiu com isto, não o sabemos, porque não o deu a conhecer. E' certo que conservou em sua casa, ainda que bem vigiado, a Paulo, que embarcou para o Rio de Janeiro, quinze dias depois.

Angelo, pelo seu soffrimento corajosamente paciente, e pelas suas grandes virtudes, que tão brilhantemente se patentearam no tempo da sua desgraça e depois d'ella, tornou-se, por assim dizer, o amigo intimo, o filho predilecto de João d'Oliveira, e objecto de respeito e veneração de quantas pessoas honradas o conheciam. Oliveira determinou-se a fazel-o feliz. O conego Mascarenhas e sua irmã abençoavam o dia, em que o admittiram no gremio de sua familia, e Joanna não cessava de agradecer a Deus o conceder-lhe tamanhas recompensas á sua caridade, pagando-lhe largamente os cuidados, que teve na infancia d'Angelo, com os ternos affectos d'este bello mancho.

Joanna, por ordem d'este, deixou o officio de lavadeira, para o qual lhe iam já faltando as forças, e vivia mais commodamente com uma mesada, que Angelo lhe estabeleceu.

(Continua).

ximas côrtes representantes habilísimos, entre os quaes se acha Martos; outro tanto se não pôde dizer dos defensores da republica conservadora persôinificados principalmente por D. Emilio Castellar.

Os catholicos defensores de D. Affonso conseguiram eleger D. Alexandre Pidal, o irmão d'este, e o Marquez de Casa Irujo; foram derrotados D. Xavier Castejon y Elio, cathedratico auxiliar da Universidade de Madrid, D. Henrique Perez Hernandez e D. Claudio Moyano Samaniego, que se oppoz com valor ao enlace de D. Affonso com sua prima D. Mercedes (que Deus tenha em gloria), e que posteriormente declarou, em nome do partido moderado historico, que restabeleceria a unidade catholica, se conseguisse o poder. Parece que a sua derrota se deve sobretudo á circumstancia de não terem querido votar os carlistas do seu districto.

Pelo que respeita aos defensores do augusto Duque de Madrid, apesar da deploravel questão surgida sobre as eleições, pôde-se dizer que venceram na unica provincia onde experimentaram fortuna. Refiro-me á de Guipuzcoa, por cujo districto de Azpeitia triumphou D. Ramon Altarriba y Villamera, barão de Sangarren, Marquez de Villalegre, etc., etc. E' filho do illustre snr. conde de Robres, que falleceu ha annos, e a quem reconheciam por chefe os verdadeiros monarchicos do Aragon. O seu filho pensa e sente como o auctor de seus dias. Pelejou na guerra d'Africa, e na ultima obteve em certa occasião o commando d'alguns batalhões realistas. E' uma das pessoas mais queridas do Rei legitimo das Hespanhas.

Alguns carlistas de Madrid propõem sair do retrahimento, dar uma organização ás forças vivas do paiz, e oppor um dique ás demasias dos que, por obsecção deploravel, procuram conduzir os «tradicionalistas» por caminhos em extremos perigosos. Poderia facilmente accrescentar detalhes, porém premetti callar, ou o que se tem feito não será ainda na presente carta que verá a luz publica no estrangeiro. Quando desaparecer o motivo do meu silencio forçado, contarei o que se passa, que tem, a meu ver, summa gravidade.

Não passarei a outro assumpto sem accrescentar que, desgraçadamente, se confirma a triste noticia de ter caído enferma em Roma a illustre Duqueza de Madrid, aindaque, graças a Deus, está muito melhor. Por este motivo teve de suspender-se a Confirmação de seus filhos os principes D. Jayme, D. Blanca, e D. Elvira, os quaes, segundo assegura «La Fe», serão apadrinhados respectivamente pelo Conde de Chambord, pela Duqueza Parma e pela imperatriz Maria Anna de Austria.

Pelo que toca aos embustes que circularam sobre a entrevista do Duque de Madrid com o Santo Padre, melhor é callar, repetindo a famosa phrase dirigida por Virgilio a Dante Alighieri, na sua *Divina Comedia*, nunca bastantemente ponderada:

Non ragionam di lor, ma guarda e passa. A Real Academia da Historia celebrou no dia 20 do actual sessão publica para receber D. Francisco Codeva, joven cathedratico de arabe da Universidade central. O seu discurso versou sobre a «Dominação arabica na fronteira superior, ou, pouco mais ou menos no Ebro e na Galla meridional, desde o anno de 711 a 815». E' uma obra notavel e destrue não poucas asseverações de publicistas famosos, referentes á dominação em nosso paiz dos sectarios de Mafoema. O novel academico brilha não só pela sua sciencia como tambem pela sua grande religiosidade.

Respondeu-lhe, em nome da illustre Academia, o snr. Lafuente, que deu teríveis bordoadas nos que, como dizia o conde de Maistre, tem transformado a historia dos tres ultimos seculos, em uma conspiração manifesta e descarada contra a verdade. Afastou-se perfeitamente dos maus criticos que desprezam os testemunhos dos auctores mais respeitaveis se são catholicos, considerando ao mesmo tempo artigo de fé tudo o que asseguram os escrevinhadores venaes, vendidos em alma e corpo ao demonio da Revolução.

No dia 23 a Real Academia dispoz a celebração de solemnes exequias por alma de Cervantes e dos demais escriptores que honraram com suas obras as letras patrias. Officiou o em.^{mo} snr. Cardenal Patriarcha das Indias, pronunciando depois a oração fúnebre o snr. D. Nar-

cizo Martinez Izquierdo, bispo de Salamanca. Tractando-se do orador insigne, que, como deputado carlista, tanto brilhou nas côrtes de 1872, não maravilha que elle pronunciasse um discurso estupendo, que deixou o auditorio admirado. Poz bem em relevo a superioridade da litteratura catholica sobre os que não se inspiram da Religião santa. Sinto que os limites naturaes d'uma correspondencia me vedem o dar alguns promenores.

Quasi todos os academicos concorreram á fúnebre solemnidade, e poucos litteratos de Madrid faltaram. Cantou-se a celebre missa do defuncto Eslava.

No dia 27, o snr. D. Aureliano Fernandez-Guerra y Orbe recitou na Juventude Catholica de Madrid uma conferencia publica mui notavel sobre Pedro I de Castella, chamado por uns o cruel, e por outros o justiciero. Demonstrou que se commetteram na sua epoca crueldades muito maiores, poz em relevo as causas da sua severidade, e fez ver quão justos e convenientes foram não poucos dos actos que mais se lhe criticam. Realmente aquelle principe deu a primeira batalha contra os senhores empavonados em demasia com os seus privilegios, e comquanto o não podesse conseguir, alhannou, por assim dizer, a senda que posteriormente havia de percorrer com maior fortuna a incomparavel Isabel a Catholica.

O snr. Fernandez-Guerra é um dos litteratos mais insignes do nosso paiz. O seu renome, já extraordinario na Hespanha, é ainda maior em algumas nações estrangeiras. Não poucos sabios da Italia, da Prussia e da America sabem até que ponto elle é um escriptor illustre, e apreciam tambem os seus sentimentos profundamente catholicos.

No ultimo domingo afundiu-se uma parte do pavimento da capella levantada não ha muitos mezes na rua de Isabel a Catholica. Estava cheia de gente: uma senhora ficou ferida gravemente e outras pessoas receberam contusões de leve importância.

Não poucos dos edificios recentemente levantados deixam muito a desejar sob o ponto de vista da solidez. O tribunal de Contas, por exemplo, preocupa com razão a muitos, e tambem a não poucos o colissen de Apollo. Em Religião como na moral, nas sciencias como nas letras, em as nobres como nas bellas artes, em tudo, para o dizer d'uma só vez, a decadencia é notoria, visível, palpavel, digam o que quizerem os defensores do imaginario progresso indefinido. Os nossos contemporaneos frequentemente nem chegam a competir com os nossos antepassados, e não abem sequer copiar as suas obras immortaes. Tem-nas á vista, pôdem estudal-as no seu conjuncto mesmo como que em seus detalhes, dispõem de muitos elementos que os antepassados não podiam utilizar, e comtudo não conseguem produzir obras sequer semelhantes. Os povos que se apartam da civilização catholica, longe de chegarem ás alturas sublimes do poggresso, acabam por afundir-se com estrepito no mais fundo do abysmo.

L. ABIDENSE.

O SENHOR NN.

Parturient montes, nascetur ridiculus mus.

Elle é enfesadinho, rachitico, pequenito: tão curto no corpo, como no engenho: tão falto de barba, como de encephalo: tão insignificante, como orgulhoso: tão insipido, como petulante!

Não tendo qualidade nenhuma que o recomende, nem no physico nem no moral, aspirou á celebridade..... e tornou-se celebre..... na asneira.

Tornou-se conhecido—mesmo muito conhecido—por um drama, e que drama! Não é comedia, não é farsa, não é tragedia. E' apenas um extenso, obtuzo e descabellado folhetim, que causaria o mais profundo somno, se não provocasse a mais profunda indignação.

E nada d'aquillo é d'elle!—Juntou varios alfarrabios, dos atheus d'este seculo e do passado, copiou d'elles todas as sédiças diatribes contra a religião catholica e contra o clero, e pespegou com aquillo no palco!

Arrebanhou uma sucia dos seus—que os ha, e muitos—porque, *stultorum infinitus est numerus*—e creou uma claque, que lhe deu palmas e bravos, e sic *itur ad astra!*

Pouco satisfeito com os seus triumphos,

tão mentidos como ephemeros, em Lisboa como no Porto, metten-lhe o diabo na bola, levar aquillo á religiosa Braga—e, o que foi ainda mais escandaloso, fazel-o representar no theatro que tem a invocação de um santo arcebispo!

E achou quem lhe emprestasse aquelle theatro, e o deixasse exhibir ao publico aquelle sudario de torpezas e desconchavos, que obtiveram um successo!

E' verdade que, se quiz ter expectadores que o escutassem e applaudissem, levou-os do Porto, *escolhidos a dedo*, e que não só lhe dessem palmas, mas tambem lhe livrassem o espinhaço de alguma sóva, tão pesada como merecida.

Outro qualquer, que não fosse o snr. NN., mettia a viola no sacco, deixava as boas almas em paz; mas elle sim!—Aquillo não se rende, nem á 5.^a facada!—Cheio de embófia com os emboras de outros tão bons como elles, estendeu mais as suas azas (de morcego) e pretende navegar em oceanos mais amplos, e em mais vastos horisontes aspirar novos ares.

Os di lá, não deram entrada ao seu famoso drama, e vae o snr. NN. disse, lá com os seus botões—Ah, pois elle é isso? Ora esperem, e vae arrumar-lhe com uma HISTORIA UNIVERSAL!!

Oh, homem de Deus, ou do diabo! Pois o snr. ouviu o que do seu drama disseram Camillo Castello-Branco e Ramalho Ortigão (que a sua pessoa não pôde alcinhar de carolas) e vae metter-se em uma camisa de 11 varas, sem temor de dar ao diabo a cardada?—*Non capisco niente!*

Veja lá—Quando a cousa ainda está apenas em *projecto*, e já vae ouvindo o que ouve, o que será quando sahir á rua aquella monstruosidade!

Cypriano Jardim, foi-se a um romance de Amadeu Achard, traduziu o que lhe pareceu, e impingiu-o ao respeitavel como original seu; mas, se quer ao menos, não o destemperou ou adulterou; foi um traductor de consciencia. Fez uma *manta, de retalhos* alheios, e mais nada.

Mas o snr. NN. quer *pescar uma baleia* sem ter o incommodo de molhar as *niveas plantas*, e com os anzões e a isca dos outros? Não receia que a gente lhe diga—*Tu qui es, et unde venis?*

Ora venha cá o snr. NN.—diga-me, se faz favor—quando é que mentiu ao publico?—Quando publicou o programma da sua obra, á qual dá o titulo de—HISTORIA UNIVERSAL, POR CESAR CANTU, etc., etc., etc., TRADUZIDA POR ANTONIO ENNES—ou quando no «Jornal do Commercio», n.º 7:628, diz com a mais arrogada sem-ceremonia—«O livro que vae ser publicado, não é do snr. Cantu (!!!) etc., etc., etc. E' um livro novo. E' meu, etc., etc., etc.»

Devemos confessar uma cousa—o snr. NN., é leve como uma palha, imponderavel como o vapor: á mais tenue viração, precisa encostar-se a uma esquina, para não ir por esses ares; mas tem a coragem de um gigante. Se é um pigmeu no corpo, na alma (se a tem...) é um Adamastor, um Centimano, um Briareu!

Mas, pelo amor de Deus, snr. NN., tenha a bondade de me dizer—Quem lhe deu a auctoridade de REFORMAR (!) isto é—adulterar o que disse Cesar Cantu na sua obra monumental—quer dizer como diabo se lhe metten na cabeça, *mudar as setas em grelhas?*

Porque não imitou o nosso primeiro romanista, na sua traducção da *Formosa Lusitania*, e Francisco de Lencastre quando traduziu V. L. Cameron? Estes conscienciosos escriptores, traduziram com a devida fidelidade tudo o que acharam no original, e anotaram o nos pontos que lhes pareceram merecerem rectificação, ou censura. Porque não fez o snr. NN. o mesmo? Assim, ninguém tinha que lhe estranhar.

Diz o snr. NN., que a sua *probidade litteraria* não permittiu apresentar a obra como sua (!) (Pois apresentasse e veria...) Continúa a dizer o meu amigo—«Redigi-o (o livro do snr. NN.) segundo o plano do snr. Cantu, e incluí n'elle—usando do meu direito de traduzir e de citar—a parte da obra d'este escriptor, que me pareceu digna deter curso na lingua portugueza.» (!)

O snr. NN., ainda está em tempo; ponha á sua obra este titulo—*Novo systema de plagiato, correcto, augmentado e REFORMADO por Antonio Ennes, ou patriarcha da Historia Universal de Cesar Cantu.* A semelhante titulo é que não havia que dizer.

Mas asseverar o snr. NN. que o tra-

ductor tem direito de REFORMAR o original, obrigando o auctor a dizer o que elle não disse, nem pensou, é uma falcatrua de genero até agora desconhecido: gabo-lhe a descoberta!

Se o snr. NN. chegasse a um musico, e lhe dissesse—«Faça favor de me transportar este hymno da carta, para a clave de sol»—e elle lhe apresentasse o *Rei chegou*, que diria o meu amigo? Provavelmente o mesmo que o mundo hade dizer quando vir a sua obra, que, pela sua propria confissão, nem fica sendo original, nem traduzida. E' um producto hybrido, *sui generis*, inqualificavel: uma detestavel *mastigada litteraria*, e mais cousa nenhuma.

De mais a mais, foi tão infeliz e inconsequente, que disse ao respeitavel publico—que a *Historia Universal* de Cantu, precisa ser refundida, para representar o estado actual das sciencias historicas. Pois se o snr. NN. julga isto, na sua elevadissima intelligencia, para que escolheu a 4.^a edição, de 1838, em lugar de escolher a ultima, de 1869, muito mais correcta e augmentada pelo seu auctor?

Ainda outra incoherencia do snr. NN.—Depois de fazer varias zumbaias a Cesar Cantu, chamando-lhe *respeitavel ancão; douto escriptor; illustre historiador; etc., etc.*—diz—«O snr. Cantu, não pôde receiar que o seu bom nome (o sublinhado é do snr. NN.) de escriptor catholico, soffra por se lhe attribuirem opiniões minhas, politicas, religiosas e litterarias.»

Não soffre, não, senhor. O nome de Cesar Cantu, tão universalmente conhecido, e tão justamente respeitado, está tanto acima dos NN. e dos LL, que podem estes *rabiar* á sua vontade, que lhe não fazem moça.

E' verdade que Cesar Cantu, tem um grande defeito para os NN. de todos os tamanhos e feitios—é *ser catholico!*—Mas, para que foi o snr. NN. liquidar d'aquelle esclarecido escriptor, só o que lhe fez conta, e vem todo ufano dizer que fez um livro novo?—E, como lhe foram á mão, como ninguém pôde, nem quer, acreditar que seja do snr. NN., o que é ha 40 annos de outro, do seu legitimo dono, grita aqui d'elrei, e, á falta de razões, insulta. E' a maneira de argumentar de todos os NN.!

Olhe cá—eu não sou *aguaril clerical*, nome feio que o meu amigo pôz aos que não gostam de que lhes impinjam gato por lebre (mas nome feio que nem mesmo foi capaz de inventar, porque é alcinha que os atheus pozeram aos catholicos.—Até nisto *plagiou!*...) Não pertenço ao sacerdocio, e até nem sou beato. Nasci no gremio da Igreja Catholica, e catholico espero morrer; mas nunca andei ás aparas d'hostias pelas sacristias; não vou á missa, senão aos domingos e dias sanctificados; nem me confesso senão uma vez por anno. Não é pois, só por o snr. NN. ser atheu, ou reformador ou (reformado?) que eu tenho o mau gosto de emberrar com a sua microscopica pessoa; é por o meu amigo, sendo, como é, livre pensador, querer apropriar-se dos escriptos de um catholico, e ter a estolida pretensão e a basofia ridicula de querer por força impingil-os ao publico, como producto da sua intelligencia.

Oh, homem—pois o snr. NN., que se tem por tão esperto, não pôde fazer uma *Historia Universal*, tirada lá dos seus miolos esquentados, sem ser preciso hir *desamortisar* o que é de um pobre italiano que nunca lhe fez mal, e cuja obra não é roupa de francezes, nem ainda foi julgada *bens nacionaes?*

O senhor, já se deu a conhecer como dramaturgo; já sabemos, pouco mais ou menos, o que hade sahir da sua *Historia Universal, reformada*; mas o que ainda não nos deu a conhecer foram os seus talentos, como geologo, como paleontologo, como archeologo, etc., e tal.

Não tenho tenção de gastar cinco reis na sua obra, mas sempre quieria ver como o snr. NN. descreve as primeiras edades do mundo; a formação dos astros; a creação das aves, dos peixes, dos animais terrestres; das arvores, dos fructos, das plantas, das flores; e de todas as outras cousas, que o meu amigo hade forçosamente, como *livre pensador*, attribuir ao deus Accaso.

Tambem quieria ver, como o snr. NN. nos retrata (porque a sua obra é *illustrada* com gravuras) o mastodonte, o ichthosauro, o megaterio e todos os mais bixarocos antediluvianos. Deve ser obra curiosissima.

E a criação do homem?—O senhor é darwinista?—Também julga que nós descendemos dos gorillas, dos chimpanzés, dos *homens dos bosques*, dos saguins, dos monos, e de toda a mais macacaria? E' muito provavel. Mas olhe que nem n'essa *luminosa* descoberta, são originaes os macaqueiros. Até n'isso são plagiarios! Teem apenas a honra de transformar os *cães em macacos*: o que não é motivo sufficiente para tanta bulha. Já no principio do seculo XVII, dizia o nosso Faria e Souza—

Da peguana gente,
Lá na Asia se publica,
Que tem um cão por unico ascendente.
Se entre ella prolifica
Alguna casa nobre,
Não queres tu que o riso então me sóbre,
Quando saiba, se préza
De origem tão nefanda, tal nobreza?

Ora pois, snr. NN., temos conversado. E' meia noite, e não estou para mais cavaco.

Seu pasmado admirador

Paulino Lourenço.

Lisboa, 3 de maio de 1879.

(Do nosso correspondente).

«Acabam as freiras», noticia o jornal dos Calafates, apregoando aos seus cem mil leitores o fallecimento de uma das Religiosas do convento das Francezinhas. Triunpha o liberalismo! Triunpha o partido, que sustenta o Genro do carrasco do poder temporal dos Papas, embora para resuscitar infallivelmente, e, talvez, mais cedo do que pensam os apostados inimigos da Igreja.

Elles, os *livres pensadores*, embaçados, ou desmascarados, auctorisam a prostituição, e prohibem a profissão religiosa. Abrem, de par em par, as portas dos lupanares ás pobres raparigas, a quem o amor do luxo seduz a ponto de descerem á ultima degradação possivel, e não consentem que as donzellas christãs, resolvidas a abandonarem o mundo pelo serviço de Deus, vivam em religiosa communidade!

São coherentes.

Ha quasi completa paralyisa no commercio, e nos estabelecimentos bancarios. Os armazens das alfandegas regorgitam, não teem já lugar para os generos, que teem entrado, mas não teem sahida porque o consumo é de todo ponto exíguo. Se o não fôra, os logistas não se lamentariam como se lamentam. Tenham paciencia. Muitos d'elles beijam espontaneamente a mão, que os fere, não se desenganam; e porisso colham os resultados.

Passou-se o dia 29 de abril sem a minima demonstração de regosijo popular.

Recepção na Ajuda, salvas, musicas nos quarteis, e luminarias nas secretarias e arsenaes; isto é, tudo exclusivamente official. Depois diga o liberalismo que a nação quer a obra do avô do snr. D. Luiz.

Tem continuado a perseguição contra os vendedores ambulantes de cautellas hespanholas, mas os cambistas vendem livremente o tal genero de contrabando, sem que a policia os veja, embora tenha olhos de lynce.

E' a equaldade d'estes *liberaes* das duzias, que nos vão esfolando, para que a meza dos nepotes seja farta, e os seus saraus deslumbrantes.

Terça-feira mandou d'aqui para Londres um estrangeiro a bagatella de 16 mil libras. Ellas a deixarem-nos pela nossa fiel aliada, e ella a enviar-nos, em compensação, rollas de cortiça, e diversas maravilhas, que nos não custam nenhuns 10 reis de mel-cuado.

Elles, que protegeram, como vimos, a arrojada empreza dos aventureiros de 1832, lá sabiam porque.

Já foi condemnado a septe annos de prisão o fabricante de notas falsas Gruder. Os complices, porém, ainda estão no Limoeiro, e não consta quando serão julgados. Tudo assim anda n'este paiz governado liberalmente.

O ministerio da guerra ordena que se licenciassse o maior numero possivel de praças de *pref.* E' um bom meio de tornar mais violento ainda o serviço, especialmente para as guarnições de Lisboa e Belem, onde os soldados mal folgam um dia, quando não ha serviços extraor-

dinarios, que são muito frequentes aqui. Mas a que applica o governo o *pret* da soldadesca licenciada? O povo não é de certo dispensado de pagar a mesma contribuição para o ministerio da guerra com a referida *economia*. Elles lá sabem o que fazem, e eu sei o que o paiz faria se acordasse do lethargo. Se assim continúa temo que desperte já tarde.

Dias Ferreira esfolou completamente na camara o governo *regenerador*. Elle, porém, com cynismo peculiar do liberalismo, acceitou a correção como se nada fôra com elle. São incorrigiveis. Todos lêem pelo mesmo breviario. Exprobam aos adversarios os erros, que realmente commettem, olvidando que todos teem contribuido assaz, com o seu obulo de desvários, e abusos, mais ou menos inqualificaveis, para a temerosa situação do paiz. Todavia, as recrminações são uteis, porque dão ao povo testemunho insuspeito da incapacidade revolucionaria para a governação publica. O que não é, comtudo, preciso, porque hoje já ninguém vive illudido.

Não falta quem annuncie *urbi et orbi* qualquer legado de algum argentario para que se estabeleça uma escola a favor da infancia desvalida; mas não se publicam os rasgos de amor dos pobres innocentes filhos do povo, que encontram gratuitamente o pão do espirito, offerecido por quem mal pôde haver o alimento quotidiano para si, e para a familia. Pois não serei eu, meus caros redactores, um d'esses, que endeusam os opulentos, que se lembram de fazer ministrar o sustento do espirito aos desvalidos, e guardam silencio quando algum nobre caracter, em hora de tenues recursos, se dedica a instruir, sem ideia de retribuição, a infancia proletaria. Sabei, pois, que ha um artista, que o é porque a *liberdade* o afastou, á força, da nobre carreira das armas, seguida por seu pae, official superior do exercito realista, que, nas horas que pôde furtar ao trabalho, que lhe produz os meios de subsistencia, recebe em sua casa, de graça, alguns rapazitos pobres a quem ensina a doutrina christã, e as primeiras letras. Quantos *liberaes*, e nas circunstancias do artista, a quem me tenho referido, fazem o mesmo? Estou que nenhum.

Por hoje basta. Até quarta-feira, se tiverdes paciencia para soffrir o

Vosso amigo correspondente

A.

GAZETILHA

Cesar Cantu.—Momentos antes do nosso jornal entrar na machina, recebemos d'este eminente historiador, uma carta acompanhada d'um protesto, em italiano, contra a torpe e cynica audacia do pedante auctor do drama-calumnia os *Lazaristas*. No numero seguinte daremos publicidade a esse documento.

Desgraça.—Consta que no sabbado o comboio despedaçara um pobre lavrador que passava com uns bois na estação de S. Bento, cujas cancellas estavam abertas.

Estação telegraphica.—Já funciona a estação telegraphica do Bom Jesus. E' dirigida pelo snr. Monteiro, habil telegraphista d'esta cidade.

Audiencias geraes.—Foram julgados no tribunal judicial d'esta cidade, o réo Luiz Antonio, solteiro, da rua de S. Vicente, accusado do crime de ferimentos, sendo absolvido, e o réo Antonio Huertos, natural de Saragoça (Hespanha), pelo crime de ferimentos: condemnado em 3 mezes de prisão.

Cesar Cantu, e o sr. A. Ennes.—Lemos na «Correspondencia de Roma»: O illustre commendador Cesar Cantu dirigiu á «Voce della Verità» a seguinte nota, que traduzida publicamos, porque o seu assumpto, é assaz importante para os catholicos portuguezes:

Por artigo do jornal catholico «A Palavra» de 22 de março de 1879 tive noticia da nova traducção da minha *Historia universal*. Quanto ao proposito do traductor de modificar os meus juizos sobre as pessoas e factos relativamente á religião, o mesmo jornal já me fez justiça. E na verdade os sentimentos e as ideias são a mais preciosa propriedade d'um auctor.

Mas onde o sr. A. Ennes accusa a minha obra de ter necessidade da reforma e de ampliações, porque de 1838 em que começou a imprimir-se, a historia tem feito tantos progressos, mostra

ignorar que além de tantas edições, que nem eu conheço, em varias linguas, algumas se fizeram até 1869 com o meu consentimento e direcção, e n'ellas seguiu o movimento social e litterario, e me soccorri de todos os trabalhos que o mesmo snr. suggere e muitos outros. E emquanto um auctor vive, parece que elle só tem o direito, como o dever, de emendar, e completar o proprio trabalho e que é, senão lei de justiça, regra de urbanidade fazer-lhe conhecer a mercadoria que se quer fazer passar por debaixo da sua bandeira.—C. CANTU.

ULTIMAS NOTICIAS

Lisboa 2—Aberto concurso para o logar de guarda do Gabinete de physica e chimica do lyceo do Porto.

Idem 3—Foi provido por 3 annos na cadeira de Alfundão, concelho de Ferreira, o snr. Antonio Augusto Janeiro.

Foram transferidos mutuamente os professores de Villela do Tamega, concelho de Chaves, e o de Cervos, concelho de Portalegre.

Foi transferida a professora do Campello, concelho de Baião, para Areosa, concelho de Vianna.

Carta de lei ordenando que a moeda legal da Madeira seja a mesma do continente.

—Na bolsa venderam-se 2 acções do banco de Portugal a 537\$000; 20 obrigações da companhia das aguas a 83\$300; 22 ditas a 82\$000; 20 ditas a 83\$500; 3 ditas predias a 92\$750; 20 ditas a 92\$800; 12 ditas do emprestimo para a compra de navios, de coupons a 86\$500; 2 contos em inscrições a 50,75.

Não effectuado: 2 acções do banco Lusitano, offerta 65\$500, pedido 69\$000; 10 ditas do banco Ultramarino, of. 50\$000, p. 53\$000; 12 ditas do banco de Lisboa e Açores, of. 83\$000, p. 87\$000; 20-000 escudos de fundos hespanhoes, of. 14,80, p. 14,85.

Os fundos portuguezes em Londres regularam a 52 ³/₄ e 52 ⁷/₈; os hespanhoes a 14 ¹/₈ e 15 ¹/₄ e os consolidados inglezes a 98 ³/₈ e 98 ⁷/₈.

A alfandega rendeu hoje a quantia de 15:077\$440 reis.

Ilha da Madeira, 30—Dizem noticias da cidade do Cabo que as tropas colonias inglezas atacaram sem resultado, no dia 8 de abril, Kraal, chefe dos bassutos, perdendo 26 homens mortos e feridos.

Sir Bartle, chegou a Pretoria no dia 10 de abril, depois de ter ent-evista satisfatoria com os Boers.

Roma, 1—Diz o «Avenir del Italia» que ao contrario do que dizia o «Journal des Debats» de hontem, que Schouwloff tinha obtido o consentimento da Austria para a occupação da Bulgaria pelos russos.

O «Morning Post» afirma que as potencias consentiram na occupação sem accordo da Inglaterra nem da Austria.

Londres, 2—Lord Argil annunciou que chamará a attenção no dia 16 de maio para os resultados politicos que o gabinete tem tirado na Asia e na Europa.

Uma carta de Salisbury diz que aquelle recusa receber os delegados da Roumelia, porque estando a situação da Roumelia definitivamente arranjada a Inglaterra não tem o direito de intervir.

Roma 3—A policia de Napoles, Roma e Florença prohibiu que fosse affixado o ultimo manifesto de Garibaldi.

Londres, 2—O «Times» diz que é provavel que Yakoub Kham viesse hontem a Gundamk conferenciar com Cavagnari.

Apesar dos desejos dos ministros da Birmania, a massa do povo birman exige guerra contra os inglezes.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

O escrivão de fazenda, Moraes.

Snr. redactor.

Não tenho sido estranho ás accusações que o excellente jornal o «Comcio do Minho» tem feito ao sr. Antonio da Costa Moraes, escrivão de fazenda d'este concelho, e que por nossa desgraça está á frente d'aquella repartição, onde podia conciliar os interesses da fazenda com os dos pobres contribuintes, isto é, ter cumprido com os seus deveres, tornando-se assim sympathico e bem visto. Mas, desgraçadamente, o contrario acontece, porque o sr. Moraes, além de ter uma alma pequenissima, é dotado

d'uma avareza de tal ordem e figados tigrinos, que o levam a cravar as suas aduncas unhas na miseria mais visivel e palpitante; pois nada o sacia, ainda mesmo que vestidos e calçados nos mettesse no cofre do fisco.

São sempre assim as almas tacanhas, como a do sr. Moraes, que só está satisfeito á sua luxuosa meza quando vê alli o suor e as lagrimas do pobre. E diga-se, em abono da verdade, que todas as accusações feitas pelo seu jornal teem base solida e segura em que se estribam; honra lhe seja, porque teve a abnegação e coragem precisa para se pôr do lado dos opprimidos, stigmatizando o modo irregular, vexatorio e espoliador que o sr. Moraes empregou e tem empregado para arrebatar dos bolsos dos infelizes contribuintes a ultima migalha d' pão que lhes ficou d'hontem.

Mas no meio de tudo isto, ainda temos, felizmente, para onde se possa recorrer dos despotismos e vexames, que sem dó nem pejo o sr. Costa Moraes nos tem feito; pois, sendo eu uma das victimas do seu furor, para me livrar de seus agudos dentes, tive de oppor embargos á execução, que me moveu injustamente, levando a questão para o tribunal judicial, e alli, graças a Deus, encontrei quem sabe administrar justiça, obtendo eu sentença favoravel; no mesmo sentido tiveram muitas outras victimas do sr. Moraes de me seguir os passos, aonde também foram quebradas as cadeias com que nos tinha arroxeados os pulsos.

E que torturas não passamos! Penhores, mandados de prisão; esconde aqui, esconde alli; embargos para o poder judicial; despesas avultadissimas; o espirito desassocegado, e o serviço da lavoura perdido: tudo isto porque, e para que? Para saciar o sr. Moraes da fome canina que o devora, pois só quer dinheiro e mais dinheiro, venha d'onde vier.

Levou-me, snr. redactor, a escrever estas duas linhas, tamsomente demonstrar que as accusações feitas por v. não foram vãs como *alguem* diria, quando viu o *sabio* parecer da illustrada commissão, que d'um só jacto lavou toda a morrinha de que se achava affectado o dorso do sr. Moraes; e porisso agora pôde-se-lhe dizer affontamente, que limpem as mãos á parede, porque um recto, imparcial e sabio juiz, leu e examinou as provas e documentos dos processos fiscaes (das vexações), e pegando na penna, não só libertou os opprimidos fazendo-lhe justiça, mas, de mais a mais, condemnou o asqueroso modo de proceder do sr. Moraes, e correu uma esponja molhada sobre o parecer da *celebre comichão*, que desapareceu diante d'aquellas conscienciosas sentenças, como o mais pequenino mosquito no meio do oceano.

Parabens á magistratura e a essa illustre redacção, escudos fortes contra as prepotencias do escrivão de fazenda Moraes.

Tadim 1—5—79.

M.

Snr. redactor.

Sinto, realmente, que tenha de vir pela vez primeira á imprensa para dirigir-me a um cavalheiro, que não conheço. Tomo este expediente, porque a isso me obriga a minha dignidade. Dizem-me que o pintor decorador do templo do Bom Jesus do Monte, o sr. Lefevre, está altamente indignado contra a minha obscuro humildade, por eu ter menosprezado os seus trabalhos. Calumniaram-me. Para eu depreciar os trabalhos do sr. Lefevre, feitos no Bom Jesus, era necessario que elles existissem. Lamento, pois, que o sr. Lefevre dissesse aos illustres e dignissimos mezarios d'aquelle sanctuario que por aquelles motivos não podia admitir-me ao seu serviço.

Esta minha confissão, franca e sincera, não tem vislumbres de lisonja; que eu perfeitamente conheço que o sr. Lefevre me não reputa apto para executar aquelles trabalhos. Trabalhador por indole e discipulo sinceramente admirador dos grandes mestres, aguardo ansioso os trabalhos do sr. Lefevre, certo de que, a julgar pelas informações que recebi do distincto cidadão, o sr. dr. José Carvalho, hei de ter que aprender com aquelle artista. Oxalá que os trabalhos do sr. Lefevre possam, como espero, servirem de estímulo e de estudo. Isto espero firmemente, por saber que cavalheiros do talento e da illustração dos dignos mezarrios não mandariam para o Bom Jesus um charlatão qualquer.

Pela inserção d'estas linhas, snr. re-
dactor, se confessará muito grato o

De v. etc.

(2400) Joaquim da Costa Carvalho.

AGRADECIMENTOS

Andreza da Costa Bezerra Braga (au-
zente), Rosa das Neves Simões, There-
za de Jesus Simões, Joaquina Simões, Ma-
ria Simões, José Simões Braga (auzente), Ma-
noel Simões Braga, José Fernandes, Bento
José Salgueiro, e João Trindade de Freitas,
nora, filhos e genros da falecida Antonia Ma-
ria Simões, não o podendo fazer pessoal-
mente, agradecem por este meio a todas
as pessoas da sua amizade o caridoso
obsequio que lhes fizeram, acompanhando,
da sua casa á igreja, e cemitério, o
corpo de sua sempre presada mãe e so-
gra, bem assim a todos os que lhes de-
ram seus sentidos pezaes, confessam o
seu profundo reconhecimento.

Braga 16 de março de 1879. (2316)

ANNUNCIOS

PROFESSOR

Precisa-se d'um competentemente ha-
bilitado para leccionar primeiras letras na
escola Briteirense, sita na freguezia de S.
Salvador de Briteiros, do concelho de
Guimarães, perto das Caldas das Taipas.

A casa é especialmente feita para au-
la, tendo accommodações para morada do
professor, e está mobiliada.

O ordenado é de 120\$000 reis an-
nuaes.

Quem pretender dirija-se ao fundador
da escola, João Antunes Guimarães, cor-
reio das Taipas, Donim. (2398)

HOSPEDES

Na casa, n.º 54, da rua de Santa
Margarida, recebem-se hospedes. Preços
modicos. (2397)

MANOEL DA COSTA ALVES

ALFAIATE

RUA DE SANTO ANDRÉ N.º 18.

Acaba de receber um bonito e varia-
dissimo sortido de cachemiras para a es-
tação, que vende por preços limitados,
taes como: factos completos a vestir por
8\$500, 10\$000, 12\$000 e 13\$000 reis, e
mais preços.

Paletots de melton a vestir de 6\$500
e mais preços.

Guarda-pós de esguião de linho a reis
2\$000.

Calças de cachemira a vestir de 3\$000
reis e mais preços. (2393)

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabi-
lidade limitada

A Direcção d'este Banco convida to-
dos os snrs. accionistas do mesmo para
uma assembleia geral extraordinaria, no
dia 31 do corrente, onde tem de ser
apresentada e discutida a reforma dos Es-
tatutos, organizada por deliberação da ul-
tima assembleia geral.

Os accionistas que ainda não tenham
recebido exemplares da reforma d'Estatu-
tos, pôdem procural-os no edificio do
Banco ou na agencia do Porto, rua do
Almada n.º 244.

Braga e Banco Mercantil 2 de maio de
1879.

Os Directores

João da Costa Palmeira

José Joaquim Lopes Cardoso

(2394) José Antonio d'Oliveira Gonçalves.

DINHEIRO A JURO

A confraria de N. Senhora da Apre-
sentação, de S. João do Souto, tem reis
400\$000 para mutuar. (2305)

ARREMATACÃO

Simultanea no ministerio da fazenda e na repartição de fazenda do districto de
Braga, no dia 17 de maio (ao meio dia), das propriedades abaixo descriptas,
pertencentes á Santa Casa da Misericordia da cidade do Porto.

FREGUEZIA DE GUIZANDE

A quinta denominada do Ribeiro, que se compõe das seguintes propriedades:
1. Umás casas nobres e terreas, cobertos, quinteiros, eira de pedra, tanque
com agua de bica, lojas para gado, adega, lagar de pedra completo, latadas, ter-
ra, a horta com arvores de vinho e lucta, tendo juntos os campos denominados
do Casal, Linhares, Rodolho, Pereira, Eira, Cortelho, Carral, Cova, Seara, Cotu-
rellos, Novo, Cuturellos da Lamella, Vinha Velha de Baixo, Esmoutada, Arco de
Baixo, Arco de Cima, Seara Comprida, Seara das Vides, Torre, Cortelho, casa e
eido de Villa Pouca; quatro prados unidos chamados da Bicainha, Prado da Vinha
Velha e do Rodolho.

Todas estas propriedades são de terra lavradia com arvores de vinho, algumas
arvores de fruta e oliveiras, com agua de rega e lima, que vem das poças do
Cabo da Ribeira, Sernadello e Ribeiro de Xides, além de outras dentro das
mesmas propriedades.

Um campo denominado de Souto Lizão, terra lavradia, com arvores de vi-
nho, agua de rega e lima, tendo ao sul em toda a sua extensão uma testada de
matto com pinheiros, carvalhos e sobreiros.

Uma bouça chamada da Cachada, terra de matto e pinheiros, dentro da qual
e do lado do poente existe uma leira pertencente ao padre Joaquim José Gomes
Ribeiro.

Um montado solto chamado do Outeiro de Meias, terra de matto, carvalhos,
pinheiros e ameciras.

Uma leira de terra de matto e carvalhos, chamada a Bonça Nova e Picoto
de Cima.

Uma bouça chamada de Meias, terra de matto solta, no monte de S. Mamede.

Uma bouça chamada da Chã, terra de matto solta, no monte de S. Mamede.

Uma leira de terra de matto solta, chamada de Portas do Sol, sita no monte
de S. Mamede.

Uma leira chamada do Campello, terra de matto e carvalhos, solta, com alguns
penedos, sita no monte de S. Mamede.

Uma bouça chamada da Porta do Sol, terra de matto solta, no monte de S.
Mamede.

Uma leira de terra de matto solta com pinheiros, denominada da Cruz.

Uma leira de terra de matto e carvalhos solta, chamada Cova de Deveza.

Uma deveza chamada do Matheus ou Fonte do Frade, terra de matto solta.

Uma bouça chamada do Trigo, terra de matto com carvalhos e castanheiros,
toda tapada por parede.

Uma bouça de terra de matto e carvalhos solta, chamada dos Folechos.

Uma leira de terra de matto e carvalhos, solta, chamada da Cova da Deveza,
sita no monte de S. Mamede.

Uma leira de terra de matto solta, chamada Gardinheiras, sita no monte de
S. Mamede.

Uma bouça de terra de matto solta, chamada de Meias, sita no monte de S.
Mamede.

Uma leira de terra de matto solta, contigua á da Porta do Sol, chamada da
Bouça Nova, sita no monte de S. Mamede.

Uma leira de terra de matto solta, chamada dos Penedos Pintos, sita no
monte de S. Mamede.

Tem alguns terrenos esta propriedade, foreiros á camara municipal de Braga
em 1\$985 réis annuaes, a José Pereira em 6,042 de pão terçado e ao padre Joa-
quim José Gomes Ribeiro em 50 réis annuaes; com laudemio de quarentena. Lou-
vação 10:866\$176 réis.

Porto e Santa Casa da Misericordia, 23 de abril de 1879.

O official maior,

(2399)

Manoel Gonçalves da Costa Lima.



NOVO HORARIO.

Manoel Rodrigues Santa Marinha e An-
tonio do Couto, da cidade de Guimarães,
fazem publico, que as suas diligencias que
sahem de Braga da casa do snr. Ribeiro
Braga, para Guimarães e Basto ás 5 e 6
horas da manhã, desde o dia 6 em dian-
te ficam saindo ás 4 e 5, e de tarde con-
tinuam ás mesmas 2 horas.

Braga 1 de maio de 1879.

Polos annunciantes

(2395)

Ribeiro Braga.

AOS PROPRIETARIOS DOS HOTEIS E HOSPEDARIAS

Na Typographia Lusytana, rua Nova
n.º 4, vende-se participações das que as
hospedarias tem obrigação de entregar to-
dos os dias na repartição policial, e se-
gundo o modelo do regulamento das hos-
pedarias.

Cada 100 exemplares 600 rs.
Avulso 10 rs.

CASA

Arrenda-se uma na rua de S.
Geraldo n.º 18. Trata-se no cam-
po de Sant'Anna, n.º 68. (2298)

GANDARELLA & C.^a

CAMPO DE SANT'ANNA.

Acabam de receber um variadissimo
sortido de fazendas nacionaes e estran-
geiras, proprias para a estação, que ven-
dem por preços muito baratos como se-
jam, fatos completos a vestir, 9\$000,
10\$000, 12\$000, 13\$500, 15\$000, e mais
preços, camisas brancas e de côr, cerou-
las, grande variedade de gravatas de côr
e pretas, que tudo vendem por preços
sem competidor. Ver para crer. (2383)

VENDE-SE

No largo da Ponte n.º 9 e 10, d'esta
cidade, duas moradas de casas construidas
de novo; tracta-se com Antonio Silverio
de Paiva, na rua de S. Marcos. (2389)

ATTENÇÃO

Quem quizer comprar uma mo-
rada de casas, na rua do Poço
designada pelo n.º 8, bem como
algumas vazilhas para vinho, pôde dirigir-
se ao revd.º capellão-mór do Bom Jesus.
(2391)

Fabrica de papel de Ruães

Papel de impressão e de embrulhos
de diferentes marcas e preços.

DEPOSITO EM BRAGA

Tabacaria Bracarense

—27, Rua do Souto 27—
(2340)

ESTABELECIMENTO DE LOTERIAS

DE

João Marques d'Almeida Castro

327, rua de Santa Catharina, 331

PORTO

Este estabelecimento, que por grande
numero de pessoas tem sido preferido a
outros, não só por os premios que no
mesmo constantemente estão saindo, mas
por a promptidão com que executa as
encomendas que lhe são dirigidas, con-
tinua a ter á venda para todas as lo-
terias, bilhetes inteiros, meios ditos, quin-
tos, quartos, decimos, oitavos e fracções
de 600, 500, 300, 250, 200, 130, 100 e
40 reis.

Satisfaz para as provincias todas as
encomendas (de bilhetes ou fracções em
pequena ou grande quantidade) vindo as
mesmas acompanhadas da sua importan-
cia, em ordens, vales do correio ou es-
tampilhas do mesmo.—Envia gratuitamen-
te, os prospectos, a todas as pessoas que
desejarem ser informadas dos premios de
que se compõem as loterias e dos dias
em que as mesmas se teem de extrahir;
assim como remette no fim das extrac-
ções, as respectivas listas geraes dos pre-
mios.

AOS PRETENDENTES

Apesar do grande numero de corres-
pondentes que este estabelecimento tem
nas provincias para a venda de bilhetes
e fracções de todas as loterias, o mesmo
recebe ainda propostas das pessoas que
pretenderem vender este genero á com-
missão. Os pretendentes que quizerem en-
carregar-se da venda d'esta fazenda, po-
dem com ella negociar sem risco, porque
se acceita de novo até ás vespersas das
extracções, toda a fazenda que os mesmos
não tiverem vendido. Além d'isso teem a
vantagem de poderem negociar sem em-
pregar capital porque a importancia de
qualquer remessa que lhes seja feita, po-
de ser enviada depois da fazenda vendi-
da, bastando para isso que o pretendente
dê como conhecimento um negociante da
cidade do Porto.

A commissão é vantajosa e os mais
esclarecimentos dão-se a quem os pedir.
(2330)

BILHETES DE VISITA

COM NITIDEZ E PERFEIÇÃO

100 por minuto a 500 rs.

Enviam-se pelo correio, francos de por-
te sem augmento de preço.

APPARICIO & MALHEIRO

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27.

Bilhetes de visita em branco:

Cento, 200, 220 e 240 reis.

Tarjados de preto:

Cento, 400, 420 e 440 rs.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

LIVROS DE MISSA

Com capas de marfim, Ebano, madre-
perola, massa e veludo.

27, Praça do Barão de S. Marti-
nho, 27

APPARICIO & MALHEIRO

BRAGA

Caixa penhorista Bracarense na
Travessa de D. Gualdim d'esta
cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre
penhores todos os dias desde as 8 horas
da manhã até ás 9 da noute na mesma
caixa.

Vende-se roupas.

Pede-se a todos os mutuários que ti-
verem objectos empenhados na mesma
caixa com atrazo de juros de tres mezes
os venham pagar ou resgatar, senão se-
rão vendidos.

RESPONSÁVEL—Luiz Baptista da Silva.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879